

# A VIAGEM DE MÁRIO DE ANDRADE AO NORDESTE: MISSÃO CULTURAL E PESQUISA ETNOGRÁFICA

**Maristela Oliveira de Andrade\***

## ***Introdução***

O interesse pela literatura de viagem associada particularmente aos viajantes estrangeiros nos conduziu à descoberta de diários de viajantes brasileiros em busca de explorar recantos longínquos de sua própria terra. Entre os diários de viagem alvo dessa pesquisa, selecionou-se especialmente aqueles produzidos por antropólogos, aos quais foram incluídos relatos de autores como Mário de Andrade, que caracterizou sua viagem como etnográfica, o que confere a ele afinidades com o pensamento antropológico.

Embora a literatura de viagem esteja historicamente associada aos viajantes estrangeiros, cujos destinos habitualmente estão voltados para as terras e populações exóticas do mundo, é possível encontrar também

valiosos relatos produzidos por viajantes brasileiros. O Brasil, contudo, pelo exotismo de sua paisagem tropical foi um dos destinos de viagem de aventureiros, exploradores e naturalistas ao longo dos séculos XVI ao XIX, sendo detentor de uma vasta literatura de viagem. Nessa fase, porém pretende-se explorar a produção da literatura de viagem por brasileiros, cujo propósito comum é o da descoberta do Brasil pelos próprios brasileiros e o rastreamento da alteridade experimentada ante a revelação de um país desconhecido e exótico. Aliás, Mário de Andrade deu o nome de “viagem de Descoberta do Brasil” ao abrir seu ciclo de viagens com uma viagem ao interior de Minas Gerais em 1924.

O foco deste trabalho é a viagem de Mário de Andrade ao Norte e ao Nordeste, re-

\* Professora da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: andrademaristela@hotmail.com

gistrada em seu diário de viagem intitulado *Um Turista Aprendiz*. Cabe destacar que o pioneirismo pertence a outros viajantes brasileiros, cujos relatos de viagem a estas regiões ganharam notoriedade. O empreendimento de reconhecimento de terras longínquas como a Amazônia e os amplos e variados sertões, tem como antecessores mais famosos Alexandre Rodrigues, que explorou a Amazônia no século XVIII, e seu relato da viagem encontra-se no livro *Viagem Filosófica ao rio Amazonas*; e Euclides da Cunha que viajou para o sertão baiano como correspondente da guerra de Canudos, para escrever um jornal relatando o dia a dia da guerra. Suas anotações não se limitaram à mesma, tendo produzido uma descrição da paisagem da caatinga e interpretado a vida do homem inserido nela, que resultou na monumental obra *Os Sertões*. Do sertão baiano ele parte para outra jornada pela região amazônica, espaço antagônico ao anterior em relação à paisagem de floresta com abundância de água, tendo produzido outro relato igualmente impressionante de sua viagem ao Amazonas sob o título *À margem da história*, no qual adotou estrutura narrativa similar a do livro anterior.

O contraste entre o estilo dos viajantes naturalistas e especialmente de Euclides da Cunha e o de Mário de Andrade será analisado mais adiante. Por ora, cabe explicitar brevemente o roteiro a ser adotado na análise do livro de viagem de Mário de Andrade. Pretende-se detectar algumas trilhas que levam a caracterizar seu propósito de coletar material para compor um acervo sobre manifestações culturais em especial a musicalidade dos diferentes grupos culturais de diferentes regiões do Brasil. Uma vez que a criação musical desses grupos se enquadra em diferentes contextos, que envolve a poesia popular ou mitos indígenas, um mapeamento dessa escrita de viagem comporta a identificação das temáticas e dimensões da realidade confrontadas por ele na viagem através do seu relato.

### **Identificando o estilo nos relatos da viagem etnográfica de Mário**

Na medida em que a literatura de viagem compõe um gênero literário é, de se considerar que mediante a descrição da viagem se estabelece um exercício de escrita literária, sendo marcante a diferença dos estilos empregados por Euclides da Cunha e Mário de Andrade. O estilo modernista adotado pelo segundo se apresenta como reação e ruptura ao estilo em vigor, adotado de alguma forma pelo primeiro, sendo avaliado pelo movimento como: *linguagem pedante, artificial e idealista que refletia uma literatura passadista*. (LAFETÁ *apud* BRUMANA, 2008 p. 545). Desse modo, cabe aludir que o espírito da narrativa de viagem produzida por Euclides da Cunha contrasta enormemente com aquele detectado na de Mário de Andrade, já que para o primeiro tratava-se de expressar um sentimento de indignação e de pessimismo ante o destino da nação, retratado em estilo épico e grandiloquente. Já no segundo, havia uma visão bem humorada da alteridade com uma busca de familiaridade com o universo exótico contido no Brasil, prestes a se perder perante o avanço da modernização, retratado em linguagem despojada. Uma linguagem, aliás, quase coloquial num esforço descomunal de parecer popular ou sintonizado com o falar popular<sup>1</sup>. A incompatibilidade entre a visão e a forma de enxergar a caatinga e o Nordeste entre os dois autores citados pode ser bem caracterizada no comentário de Mário de Andrade a seguir transcrito.

*Eu garanto que Os Sertões são um livro falso. A desgraça climática do Nordeste não se descreve. Carece ver o que ela é. É medonha. O livro de Euclides da Cunha é uma boniteza genial porém uma falsificação hedionda. Repugnante. Mas parece que nós brasileiros preferimos nos orgulhar duma literatura linda a largar da literatura duma vez para encetarmos o nosso trabalho de homens. Euclides da Cunha transformou em heroísmo o que é miséria pura, em epopéia... (ANDRADE, 2002, p.262-263).*

A viagem de Mário de Andrade ao Nordeste: missão cultural e pesquisa etnográfica

Maristela Oliveira de Andrade

Não iremos entrar na discussão sobre a dimensão propriamente literária ou especificamente de crítica literária do texto, contudo não podemos deixar de destacar que Mário de Andrade buscou, de forma deliberada, transformar um gênero clássico da literatura de viagem em uma narrativa irreverente que brinca com a alteridade, em que a descrição penetra na ficção e na fantasia, retirando dela a carga emocional negativa, ainda que esta se mantenha presente.

Em seu prefácio faz uma advertência importante acerca do seu estilo e do seu propósito nessas anotações de viagem, de que nem pretendia transmitir ao leitor um retrato fiel dos lugares visitados nem produzir obra-de-arte literária. E quando decidiu publicar o diário, 15 anos após as viagens, advertiu *O conjunto cheira a modernismo e envelheceu bem... a releitura destas notas abre sensações tão próximas e intensas que não consigo destruir o que preservo aqui.* (p.49)

Sua narrativa revela uma tentativa de familiarizar-se com este outro Brasil, para sentir-se parte dele, daí seu projeto de buscar a identidade nacional a partir das manifestações da cultura popular, com as quais se deparou ao longo de sua viagem. Trata-se de uma busca da identidade através da alteridade, uma vez que sua pertença ao meio intelectual e artístico de São Paulo o filiava a outra cultura influenciada pelos movimentos europeus. Apesar disso, alega sua escolha de penetrar no interior brasileiro ao invés de ceder aos chamados de membros do seu grupo para viajar para a Europa. Por outro lado, percebe-se a dimensão pragmática da viagem ao Brasil que oscila nos dilemas entre a pesquisa etnográfica e a missão cultural.

Contudo, deve ser destacada a dimensão da intimidade revelada no diário, de modo que nos longos trajetos marítimos bem como pelo rio, dedicava-se a escrita de suas impressões de viagem. Como num diário íntimo, faz confissões acerca de agrados e desagradados em relação a pessoas, autoridades e intelectuais dos lugares que visitava e situações ou encontros de que participava para cumprir cer-

tas formalidades e obrigações sociais. Em outras passagens a intimidade se revela através de comentários a respeito das mulheres, expressando uma sensualidade maliciosa, que combina com o gênero adotado.

A primeira confissão a ser destacada é a que revela sua hesitação ou arrependimento na decisão da viagem, no momento de embarcar: Não fui feito para viajar, bolas! E logo procura retirar a dimensão de aventura da viagem. *Sei bem que esta viagem que vamos fazer não tem nada de aventura nem perigo, mas cada um de nós, além da consciência lógica possui uma consciência poética também* (p.51). Essa observação que abre o diário de Mário de Andrade nos remete ao comentário de abertura do diário de Lévi-Strauss de “ódio” aos viajantes e exploradores (2005, p.11).

Uma característica desses relatos pioneiros provém da visão naturalista do campo, em que se verificam inúmeras descrições do ambiente físico com sua fauna e flora, porém o aspecto que interessa a este estudo de modo particular refere-se à subjetividade com qual se expressa a experiência com a alteridade, que emerge da descrição no seu viés etnográfico. Com isso, na descrição da realidade exterior objeto mesmo dos relatos de viagem, Mário de Andrade procura escapar do modelo de descrição dos naturalistas viajantes que se ocuparam da descrição sistemática da paisagem física e natural dos lugares percorridos. Sobre a paisagem do Rio de Janeiro faz um comentário logo no início da viagem, em que percebe-se que esta cidade jamais o inspirou ou agradou e nos remete, mais uma vez a Lévi-Strauss:

*acho o Rio uma cidade muito feia, mas dizem que é bonita... A natureza sim é maravilhosa, eu sei, mas a cidade, a urbanidade, o trabalho do homem, o sofrimento e a glória do homem é uma coisa detestável.* (2005, p.51)

Mas Mário de Andrade, diferentemente de Lévi-Strauss, embora reconheça a excepcionalidade da paisagem do Rio ou da Amazônia, sua escrita não dá conta propriamente de

descrever os lugares com sua paisagem natural, mas sua impressão mais subjetiva do lugar. Daí porque faz poucos registros da paisagem natural em sua viagem à Amazônia e justifica: *adoro voluptuosamente a natureza, gozo demais porém, quando vou escrever ela não me interesse mais* (ANDRADE, 2002, p.62). Seu foco de observação é sobretudo a paisagem humana, habitantes/moradores com seus mitos: *Nada me agrada mais do que sozinho olhar o rio no pleno dia deserto. É extraordinário como tudo se enche de entes, de deuses, de seres indescritíveis por detrás, sobretudo se tenho no longe em frente uma volta do rio* (2002, p.73).

Sua visão de Belém evoca a Polinésia, pelos seus tipos humanos, ou o Cairo, diferentemente de G. Freyre que enxergou nela outro Oriente, ou seja, Goa, região da Índia assenhoreada pelos portugueses, que sofreram assimilação de certos elementos da cultura asiática. Mário, contudo, se aproxima de Gilberto quando atribui ao Brasil o caráter de civilização tropical:

*O Brasil em vez de se utilizar da África e da Índia que teve em si, desperdiçou-as, enfeitando com elas apenas a sua fisionomia, suas epidermes, sambas, maracatus, trajes, cores, vocabulários, quitutes...E deixou-se ficar por dentro, justamente naquilo que, pelo clima, pela raça, alimentação, tudo não poderá nunca ser, mas apenas macaquear, a Europa. Nos orgulhamos de ser o único grande (grande?) país civilizado tropical... Isso é nosso defeito, a nossa impotência. Devíamos pensar, sentir como indianos, chins, gente de Benin, de Java... Talvez então pudéssemos criar cultura e civilização próprias.* (ANDRADE, 2002, p.60).

Embora Gilberto Freyre seja otimista e se utilize de outros critérios para propor que o Brasil foi bem sucedido na construção de uma civilização tropical, considerando que a África e mesmo elementos trazidos do Oriente pelos portugueses teriam se incorporado ao espírito da cultura brasileira, não apenas através de sinais exteriores, mas penetraram na alma ou no *ethos* brasileiro.

### **Breve esboço para um mapeamento das manifestações da cultura brasileira**

Os estudos de Mário de Andrade no Conservatório de Música de São Paulo e sua posterior incorporação como professor catedrático, explicam seu interesse particular pela coleta e registro das expressões musicais em suas viagens etnográficas. Contudo suas anotações de viagem revelam sua sensibilidade para observação de numerosos aspectos dos lugares visitados e detalhes da vida social das comunidades e populações urbanas das cidades maiores. Aliás, ele detém-se na paisagem urbana, onde aprecia aspectos da arquitetura de igrejas e casas, em que se volta para aquelas que evocam o passado, por seu estilo barroco ou neoclássico.

No tocante às práticas sociais e expressões artísticas populares, dedica atenção especial às suas diferentes formas de expressão, as quais buscaremos listar, como forma de indicar referências de interesse para o seu mapeamento:

- Tipos humanos da Amazônia e nordestinos;
- Mitos indígenas;
- Músicas e danças;
- Rituais mágicos
- Estilos de arquitetura de igrejas, casas e outros edifícios;
- Cardápios de comidas amazônicas e nordestinas.

A seguir será feito o rastreamento dos temas listados na escrita do diário de modo a representar com fragmentos das anotações cada segmento de interesse dos lugares visitados.

### **Tipos humanos e indígenas amazônicos e nordestinos**

O foco de Mário de Andrade são as pessoas, os nativos habitantes do lugar, como também dos indígenas, conforme se pode constatar nas fotos que compõem seu livro, de famílias amazonenses, caboclas. Quanto aos indígenas aparece uma tentativa de compor um relato inteiramente inesperado.

A viagem de Mário de Andrade ao Nordeste: missão cultural e pesquisa etnográfica

Maristela Oliveira de Andrade

Suas anotações sobre as populações indígenas registram o encontro com a tribo dos chamados Pacaás Novos, em que traz uma descrição inusitada com mais ficção do que realidade: *O traje deles se é que se pode chamar aquilo de traje, era assim: Estavam inteiramente nus e com o abdome volumosíssimo pintado com duas rodela de urucum, uma de cada lado, tudo aveludando por causa de uma farinha finíssima parecida com pó-de-arroz.* (ANDRADE, 2002, p. 84-85). Sua caracterização dos indígenas tem qualquer coisa que remete às representações pictóricas dos índios feitas pelos cronistas estrangeiros desde o século XVI. Seu sentimento de alteridade sobressai ao abordar os aspectos relativos aos maus cheiros de suas casas, mas atenua dizendo *Sei é que vivem felizes. São muito ativos, e suficientemente porcos pelo nosso ponto de vista da porcaria, muito mansos e caroáveis, embora essa mania de falarem com pontapés me tenha deixado a perna bem azul.* (Idem, p.86) Algo nessa apreciação lembra a descrição da Carta de Caminha, como espécie de citação, ou se poderia acrescentar outra inspiração na literatura setecentista de Gregório de Matos por seu gosto pela sátira.

E se a visita a grupos indígenas foi um tanto fantasiada, teria insistido para visitar um seringal, que também identificava as atividades e grupos que se embrenhavam pela floresta, cujo modo de vida foi admiravelmente analisado por Euclides da Cunha, através do tipo cultural denominado cauchero ou seringueiro. A visão de Mário de Andrade dos seringueiros vem um tanto cifrada através do diálogo com um viajante do navio que lhe falava de um rapaz vindo do Espírito Santo que teria trabalhado nos seringais, tornando-se uma espécie de marginal sem papéis, que se escondia, e não conseguia mais sair daquela vida na selva, embora escapasse vez ou outra, para lá acabava voltando.

Seu contato mais frequente, durante a viagem ao norte teria sido sobretudo com os caboclos, denominados por ele de tapuios, e para contrastar com o seu próprio tipo físico

que o levava a ser indagado sobre sua origem, se estrangeira, o que lhe dava certo prazer, caracterizando-se em certo trecho como um tipo de terno cinzento com pensamento europeizado.

Para retratar o homem do povo, “nordestino puro”, faz uma observação curiosa em que ajusta a figura do homem à paisagem da caatinga, conforme suas palavras a seguir:

*Baixote, cabeça achatada, ele todinho tão achatado que tem todas as linhas do corpo, horizontais. As caatingas são tão planas, e no geral tão planas as terras de cá que parece fenômeno de mimetismo, as linhas físicas do ser humano se organizam por aqui todas no sentido horizontal...* (ANDRADE, 2002, p.213).

### **Mitos indígenas**

Além dos Pacaás Novos refere a um outro grupo indígena, com designação inventada, a que nomeou de índios Do-Mi-Sol, em que destaca sua mitologia como uma espécie de “demonologia”, de modo que eles não teriam o conceito de bem. Seu comentário filosófico acerca do mito da origem do homem dos índios Do-Mi-Sol é interessante porque se baseia na ancestralidade totêmica desse povo com o bicho-preguiça em oposição a outro povo que teriam os guaribas como ancestrais. Da guerra entre os dois animais ancestrais teriam surgido ambos os grupos, com qualidades distintas. Daí as considerações de Mário acerca da lentidão da preguiça como valor totêmico, começando por comentar a teoria dos nativos, “exegetas do-mi-solenses” que atribuíam à tal lentidão a preocupação com o futuro e de cuidado com os filhos e a raça. Sua tese, porém é distinta e baseia-se no argumento de que:

*Apenas tinham adquirido aquele andar da sabedoria em que o pensamento reconhece que o que faz a felicidade não é o gozo dos prazeres do mundo, porém a consciência plena e integral do movimento. Esses índios consideram-se descendentes da preguiça, cujo habitat são as árvores, enquanto os descendentes dos guaribas, tendo perdido a guerra foram obrigados a andar pela terra, tendo se*

A viagem de Mário de Andrade ao Nordeste: missão cultural e pesquisa etnográfica

Maristela Oliveira de Andrade

transformado “nos outros índios” e em mim (ANDRADE, 2002, p.145).

Ao anotar que idealiza construir uma monografia sobre uma tribo indígena “toda inventada” esboça o roteiro seguinte: *Descrever as cerimônias da tribo, suas relações tribais, família, fratrias, etc. Religião. Sua filosofia e maneira de discutir. Seu comunismo. No fim, dar uma série de lendas, de pura invenção minha.* (p. 115) Este projeto viria a ser concretizado a partir de uma inspiração extraída desta viagem através da obra Macunaíma, escrita e publicada logo após sua viagem etnográfica em 1928. Vale destacar o esforço de re-elaboração de um mito de origem, relativo à ancestralidade de povos indígenas com a preguiça, que viria a tornar-se uma das características mais marcantes do seu personagem herói Macunaíma.

Segundo ele próprio, esta obra teria sido escrita em seis dias em um sítio numa rede: *Gastei muito pouca invenção neste poema fácil de escrever (...) Este livro afinal não passa de uma antologia do folclore brasileiro.* (ANDRADE, apud CASTRO e BARBOSA, 2009). Nele, a proposta de Mário de Andrade era de construir uma obra em que decifra a cultura brasileira a partir da matriz indígena que se urbaniza no ambiente paulista e seu personagem se transforma a partir da combinação de elementos colhidos em contextos nordestinos para se integrar a uma combinação nova, enfim uma síntese para formar a matriz da cultura brasileira. Castro e Barbosa (2009), em comentário a essa obra, faz a curiosa observação de que ele “*inverte os relatos dos cronistas quinhentistas, vem da mata para a cidade de São Paulo.*”

### **Músicas e danças**

O primeiro registro musical do diário se dá em um lugarejo nas margens do rio, de nome Caiçara, onde presenciou um “bailado” da “Ciranda” e registrou duas músicas (p.90). Mais adiante no trajeto deu com outro “bailado” com uma orquestra, violino, cavaquinho e uma percussão improvisada de um bатуque de um pau em uma garrafa, e os dançarinos que dançavam desde a noite anterior e

demorariam até mais uns dois dias. Outro breve relato menciona um Boi-Bumbá organizado pelos marujos de um navio em um porto de Iquitos que organizam a brincadeira e saem pelas ruas da cidade, para desembarcar dentro do enorme boi mercadorias contrabandeadas, garrafas de cachaça e maços de cigarro (p.111). Em passagem por Humaitá novamente ele tem oportunidade de assistir a uma apresentação do Boi-Bumbá embora não faça propriamente uma descrição do mesmo.

Os bailes nas cidades e vilas nos portos do percurso da viagem pelo Amazonas constituem as oportunidades de assistir e registrar estas manifestações, enriquecendo seu inventário. A viagem ao Nordeste ensinará outras oportunidades para a ampliação do inventário.

Na viagem ao Nordeste, o primeiro registro de dança é o da Nau Catarineta em Alagoas:

*E está chegando o tempo de festar. Junto de árvores negras de sol, com paus e barro estão esculpindo uma barcaça de alto-mar. Ai dançarão cantando o fado eterno da Nau Catarineta, é a Chegança... E a caboclada brasileira há-de repisar mais uma feita sem consciência de heranças...* (ANDRADE, p.196).

Outra Chegança é relatada em Natal, quando presenciou o espetáculo popular, oferecendo mais detalhes dessa denominada dança-dramática que permanecia muito viva no Norte e Nordeste do país, ainda que sofrendo muitas modificações. A dança é descrita em seus personagens, marujos, um rei mouro, guarda-marinhas, capelão e médico que representam uma dura peleja entre mouros e cristãos, através da dança (p.210).

Uma referência frequente em seus escritos é a música denominada côco que se difunde pelo Nordeste, fazendo em Natal a seguinte nota): *Por aqui chamam de ‘coqueiro’ o cantador de ‘cocos’. Não se trata de vegetal, não, se trata do homem mais cantador deste mundo: nordestino* (p.204). Ainda em Natal registra os congos e os caboclinhos em que denota a *colaboração ou inspiração do africano e do índio* (p.271). Nos congos, tudo é africano e com-

A viagem de Mário de Andrade ao Nordeste: missão cultural e pesquisa etnográfica

Maristela Oliveira de Andrade

pleta com sua interpretação: *o reinado na sua expressão mais completa de texto e drama, recebeu versão e versificação eruditas de incontestável origem luso-brasileira* (Ibidem).

Na Paraíba, registra com algum detalhe o grupo carnavalesco dos caboclinhos, cuja performance é caracterizada como um bailado, sem cantigas, com uma figura de destaque o “caboclo velho”, espécie de pajé, que inicia a parte dramática da dança. A orquestra é composta de ganzá, bombo e gaita de quatro furos e o grupo representa algumas danças dramáticas de caráter primário e enumera algumas delas: dança do tombo; dança do cipó e peleja de guerra etc. ( ANDRADE, 2002, p.283-285)

Os registros musicais de suas viagens etnográficas, contudo, permaneceram inéditos por muito tempo, sendo publicados graças à colaboração e iniciativa de Oneyda Alvarenga sob os títulos, “Na pancada do ganzá”, que reúne cantigas de coco, aboios e melodias do boi e “Danças dramáticas do Brasil” em três volumes publicado em 1959.

### **Rituais mágicos**

Durante a visita a Belém procura indagar a respeito da pajelança para um médico que o acompanhava nas reuniões promovidas para recebê-lo, que demonstra muito pouco conhecimento sobre o assunto.

Cabe destacar além das músicas e danças, os rituais mágicos do Catimbó ao qual descreveu com detalhes, em visita conseguida por Câmara Cascudo, na qual se submeteu a um ritual de fechamento de corpo: *Mostrei outro dia como eram perceptíveis bem, as influências de religiosidade africana e ameríndia nas zonas diferentes da feiteira brasileira.* (ANDRADE, 2002 p.221) Já em outras notas sobre a experiência vivida em um Catimbó em Natal manifestou principalmente uma sensação de forte estranhamento, conforme suas palavras a seguir: *É impossível descrever tudo o que se passou nessa sessão disparatada, mescla de sinceridade e de charlatanismo, ridícula, dramática, cômica, religiosa, enervante, repugnante, comovente, tudo misturado* (Idem p.224).

Em Música de feitiçaria no Brasil, encontram-se reunidas notas, sobre esse domínio da música popular brasileira, organizadas mais uma vez por Oneyda Alvarenga, publicada em 1963. Contudo, as notas sobre o Catimbó foram publicadas em *Na pancada do ganzá*.

### **Estilos de arquitetura de igrejas, casas e outros edifícios**

Um dos alvos do interesse de Mário de Andrade nas visitas às cidades é a arquitetura. Note-se pelas palavras seguintes quando em rápida visita a Maceió: *Uma procissão de casas que a velhice já tornou boas. No meio delas, o mal chama a atenção, como sempre... É a Associação Comercial em grego, absolutamente intraduzível* (p.194).

Acerca da arquitetura religiosa católica, Mário de Andrade faz breves anotações, porém recorrentes sobre conjuntos da arquitetura religiosa barroca, em várias das cidades visitadas, como em Belém em que refere a um conjunto de três igrejas consideradas boas, sem identificar quais. Entre eles os conjuntos franciscanos são destaque, inserindo uma foto do de Igarassu, chamando sua atenção as pinturas no interior delas, com registro sobre a da Igreja franciscana do Recife.<sup>2</sup> Nesta cidade, faz ainda outros registros que nos remete à viagem de Bastide décadas depois: *Tinha cada igreja, Deus! Era ouro só... Com santos tão bonitos, música tão cantadeira da gente chorar...* (p.201).

Outro comentário sobre a igreja franciscana da Paraíba: *estou assombrado. Do Nordeste à Bahia não existe exterior mais bonito nem mais original que este. E mesmo creio que é a igreja mais graciosa do Brasil – uma gostosura que nem mesmo as sublimes mineirices do Aleijadinho vencem em graciosidade* (2002, p 276).

Merece destaque ainda uma nota sobre os mocambos do Recife, lembrando que, pela sua profusão, havia se tornado problema social, sendo alvo, nos anos 1930, de uma política de erradicação: *Hoje os mocambos são tão numerosos como os coqueiros. Alastram o tamanho da cidade grande, for-*

mando na barra dela, um babado de barro e folhas secas (.201). Bastide, mas uma vez segue trilhas abertas por Mário e igualmente produziu observações sobre os mocambos recifenses<sup>3</sup>. E se Mário expressou total mal estar perante os casebres, fez questão de registrar que não enxergou nenhum pitoresco naquela paisagem social, que teria sido avaliada por Freyre (2006) pela sua funcionalidade e adaptação ao clima.

Acerca da destruição do patrimônio arquitetônico colonial pelo avanço da modernização, Mário de Andrade sente certo incômodo em se posicionar, uma vez que seria incompatível com seu discurso modernista, suas palavras a seguir expressam esta hesitação:

*O problema da destruição ou conservação da Sé, da Bahia, por exemplo, confesso que por mim não sei resolver. (...) Dizem que sou modernista e... paciência! O certo é que jamais neguei as tradições brasileiras, as estudo e procuro continuar a meu modo dentro delas. É incontestável que Gregório de Matos, Dirceu, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Euclides da Cunha, Machado de Assis, Bilac ou Vicente de Carvalho são mestres que dirigem a minha literatura. (ANDRADE, 2002, p. 227).*

Depois sugere com certa indecisão se não seria preferível não mexer em toda esta área do entorno da Sé pela sua incompatibilidade com o traçado urbano moderno, de modo que ou se destrói tudo para criar um novo espaço, ou os urbanistas decidem se o centro urbano da cidade deve permanecer onde está.

### **Cardápios de comidas amazônicas e nordestinas**

Nos relatos do diário, mencionam-se encontros com autoridades locais ou intelectuais durante a viagem, dando destaque para as iguarias locais e regionais oferecidas nas lutas refeições, as quais podem ser agregadas ao levantamento das manifestações da cultura brasileira:

*No palácio do presidente se come camarim com molho de tucupi a carne de tucujá dissolve os protocolos e quando a sapotilha engrossa nossa língua da gen-*

*te o seu gosto aboritonado a gente chega a esquecer as mil virtudes da saudade e não deseja mais nada: fica vesgo pra dobrar a felicidade e cai nos braços do prefeito mais simpático do mundo... (ANDRADE, 2002, p.64).*

Em Natal, numa doce vida mansa de beira de praia, registra-se a seguinte nota acerca de um cardápio de almoço:

*A fome nos acordou ali pelas doze e meia pro almoço. Vatapá, cavala em molho de coco; doces de comer pouco, deliciosos numa insistência açucarada prodigiosamente hospitaleira; melão nordestino, uma dessas coisas que fariam a Europa de Eduardo das Neves se curvar mais uma feita. (ANDRADE, 2002, p.228).*

### **A criação de espaços institucionais como fruto da viagem**

É preciso assinalar que o propósito de prospecção de material relativo à cultura popular, já vinha sendo alvo de interesse por parte de estudiosos pioneiros do folclore brasileiro desde o final do século XIX. O 'etnógrafo modernista', entretanto, afastou-se do sentimento nostálgico dos primeiros folcloristas para sintonizar-se com as novas demandas do mundo moderno, produzindo um novo discurso acerca da identidade nacional brasileira. Entre as manifestações culturais interessou-se particularmente pelas vozes populares através das músicas, tendo desenvolvido registros significativos reunindo um rico acervo dessa musicalidade brasileira.

A dimensão etnográfica da viagem missão de Mário de Andrade se materializou através de iniciativas de construir um espaço institucional para apoiar as pesquisas e disseminar práticas de conservação das tradições culturais e do folclore brasileiro, e finalmente elaborar um programa de defesa ou uma política de valorização dessas tradições. Assim, formou este acervo que viria ensejar a criação de instituições com o intuito de pesquisar e proteger essas tradições. Apesar disso, ele faz a seguinte advertência quanto a sua relação com o folclore: *Já afirmo que não sou folclorista. O folclore hoje é uma ciência, dizem... Me*

A viagem de Mário de Andrade ao Nordeste: missão cultural e pesquisa etnográfica

Maristela Oliveira de Andrade

*interesse pela ciência porém não tenho capacidade pra ser cientista. Minha intenção é fornecer documentação pra músico...* (ANDRADE, 2002, p.206).

Instituições criadas, a partir das iniciativas de Mário de Andrade, foram o Departamento de Cultura do Município de São Paulo e a Discoteca Municipal como órgão ligado ao Departamento sob a direção de Oneyda Alvarenga; e a Sociedade de Etnologia e de Folclore, e um Museu de Etnografia vinculado à sociedade e organizado por Dina Lévi-Strauss.

Vale ressaltar que dez anos após a viagem de Mário, Lévi-Strauss foi incentivado a realizar viagens sob os auspícios desta sociedade, com interesse voltado para as culturas populares, havendo registrado em Tristes Trópicos alguns relatos sobre visitas realizadas a cidades do interior paulista, embora tenha reiterado seu propósito de pesquisar as comunidades indígenas menos influenciadas pela cultura nacional.

Mário de Andrade elabora em 1936, a pedido do ministro Gustavo Capanema, um Anteprojeto para a criação do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional,<sup>4</sup> que ensejaria a criação de uma instituição para fazer o tombamento e a proteção do patrimônio nacional (CORRÊA 2007, p.288). Corrêa destaca, neste documento, o uso pioneiro do conceito de patrimônio etnográfico, que previa um livro de Tombo Arqueológico e Etnográfico, para os bens artísticos arqueológicos, ameríndios e populares. Esse conceito ensejará bem mais tarde a política de patrimonialização dos bens culturais imateriais.

A avaliação de Brumana (2008), contudo, é de que os resultados da viagem e seus desdobramentos não deram os frutos esperados, uma vez que as políticas culturais também

resultantes da viagem de exploração teriam dado resultados muito tímidos.

*L'équipe constitué par Mario de Andrade n'a pas survécu à son auteur et timonier; elle s'est désagrégée, ou plus exactement éparpillée. Saia s'engagea dans un autre organisme officiel, Brawnwieser retourna à l'enseignement, on perdit la piste de Pacheco et de Ladeira durant des décennies, les Lévi-Strauss quittèrent le Brésil, la Société d'ethnographie et de folklore disparut. La convergence entre une ethnographie d'avant-garde et le souci de 'brésilianité', esquissée avec plus ou moins de bonheur dans l'expérience de la mission et dans le projet du département de la Culture, fut gelée durant plusieurs décennies. Le souvenir même de la mission s'était effacé jusqu'à une date récente.*<sup>5</sup> (BRUMANA, 2008).

Esta avaliação pessimista de Brumana parece prender-se ao alcance mais imediato da missão, já que os frutos das iniciativas tomadas não tiveram repercussão nestas instituições criadas ou ligadas a Mário de Andrade. A avaliação que se propõe aqui é detectar sua repercussão, a longo prazo, para apontar os desdobramentos tardios destas iniciativas, que irão convergir para a concepção da política do patrimônio imaterial. O papel do conceito de patrimônio etnográfico ainda que sujeito a imprecisões seria reformulado mais tarde por Aluísio Magalhães, com a noção de patrimônio cultural imaterial ou intangível, que só viria a ser concretamente implantada no final do século XX (Abreu, 2007). Finalmente, a análise da escrita do diário de viagem deverá permitir avaliar o acervo catalogado da memória imaterial do Brasil permitindo construir uma cartografia desses mundos outrora esquecidos da criação popular.

A viagem de Mário de Andrade ao Nordeste: missão cultural e pesquisa etnográfica

Maristela Oliveira de Andrade

## Notas

<sup>1</sup> A linguagem ou estilo de Mário de Andrade por seus possíveis excessos seria qualificada por G.Freyre com razão de "artificial" em seu diário íntimo *Tempo morto e outros tempos*.

<sup>2</sup> Trata-se supostamente da capela dourada da Ordem Terceira. Estas observações sobre o Barroco parecem ter inspirado Bastide, que expande com grande sensibilidade suas notas sobre a arquitetura religiosa barroca no Nordeste brasileiro. Ver Bastide. (1945).

<sup>3</sup> Ver Bastide. (1945).

<sup>4</sup> Em 1937, é criado pelo governo de Getúlio Vargas o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, após discussões e reformulações do anteprojeto citado.

<sup>5</sup> "A equipe de Mário de Andrade não sobreviveu a seu autor timoneiro, ela se desagregou, ou melhor, ela se esfarelou. SAIA se engaja em outro organismo BRAUNWIESER retorna ao ensino, perdeu-se a pista de Pacheco e Ladeira durante décadas, os Lévi-Strauss deixaram o Brasil, a Sociedade de etnografia e de folclore desapareceu. A convergência entre uma etnografia de vanguarda e a preocupação com a brasilianidade esboçada de forma mais ou menos feliz na experiência da missão e no projeto do Departamento de Cultura foi congelada durante várias décadas. A lembrança da missão foi apagada até uma data recente."

**A viagem de Mário de Andrade ao Nordeste: missão cultural e pesquisa etnográfica**

**Maristela Oliveira de Andrade**

## Referências Bibliográficas

ABREU, Regina. *Patrimônio cultural: tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva*. In: LIMA FILHO, M.F., ECKERT, C. e BELTRÃO, J. (org). "Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos". Blumenau: Nova Letra, p. 263-285, 2007.

ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

BASTIDE, Roger. *Imagens do nordeste místico em branco e preto*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1945.

BRUMANA, Fernando G. *Une ethnographie ratée: le modernisme brésilien, le département de culture et la Missão de Pesquisas Folclóricas (1938)*. Gradhiva, Révue d'anthropologie et museologie, nº. 7, 2008.

CASTRO, D.A; BARBOSA, F. Resumo e análise da obra Macunaíma. Disponível em: [www.angelfire.com/mn/macunaima](http://www.angelfire.com/mn/macunaima). Acesso em: 14 de julho de 2009.

CORRÊA, Alexandre F. *Metamorfoses Conceituais do Museu de Magia Negra: primeiro patrimônio etnográfico do Brasil*. In: LIMA FILHO, M.F.; ECKERT, C.; BELTRÃO, J. (org.) *Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos*. Blumenau: Nova Letra, p.287-318, 2007.

FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade 1915-1930*. São Paulo: Global, 2006.

LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

A viagem de Mário de Andrade ao Nordeste: missão cultural e pesquisa etnográfica

Maristela Oliveira de Andrade